

Urbanismo vertical, a corrida para o céu

Lourenço Mueller

Arquiteto e urbanista

muellercosta@gmail.com

Os arranha-céus são o grande clássico da cena hollywoodiana: King Kong se pendura no Empire State, o exército destrói o Chrysler Building em *Godzilla*, Tom Cruise escala 11 andares do Burj Khalifa. *Batman*, *Blade Runner*, etc., em todos esses filmes as torres desempenham os papéis mais importantes. Elas são o "décor" perfeito para simbolizar uma modernidade ambivalente, opondo grandeza e decadência, poder e corrupção, amor e ódio... Pirâmides egípcias, catedrais góticas, arranha-céus modernos: as construções verticais testemunham culturas. Graças à tecnologia as torres são sempre mais altas e se transformaram num símbolo do estilo de vida. Cass Gilbert, arquiteto do Woolworth Building, o maior edifício de Nova York na época (1913), definia arranha-céus como "máquinas de viabilizar o solo". O "sky scraper" é a expressão vertical do valor do solo – razão pela qual as cidades onde os preços do mercado imobiliário decolam são historicamente os lugares onde há a maior concentração de torres: Nova York e Chicago, Hong Kong e Shanghai.

Mas os arranha-céus não são apenas uma questão de valor imobiliário. Eles revelam também a ambição dos homens de se libertar da força da gravidade e de dar à cidade uma silhueta particular. Não são apenas máquinas de dinheiro, são também monumentos. Da torre de Babel ao Burj Khalifa do deserto, as torres são a expressão da necessidade do homem de criar um objeto histórico, qualquer coisa de audacioso, de único. Acima uma tradução livre de partes da matéria de capa do "Bulletin" sobre arranha-céus no mundo, "Urbanisme vertical".

É oportuno que se retome essa discussão na cidade, onde meras torres de 30 ou 40 andares são percebidas como apocalípticas e áreas litorâneas passíveis de verticalização intensa são condenadas a permanecer no limbo da ocupação e do uso do solo mais feio e vulgar. Para leigos e mal-informados não se

precipitem nas críticas, sugiro a leitura integral no site credit-suisse.com/bulletin.

Entretanto, não se deve simplesmente substituir casas e/ou pequenos prédios por torres. A tendência mundial de retirar os automóveis dos centros urbanos das grandes cidades e torná-las mais compactas, centralizar seus serviços e redes, dosar densidade populacional e animá-las culturalmente, encontra mais suporte nas propostas verticais, onde o elevador reina soberano, muito mais seguro que qualquer outro meio de transporte. Mas esse novo desenho urbano que depende da valorização do solo e de uma compreensão menos conservadora e preconceituosa dos habitantes deveria ser melhor explicada ao público, pela municipalidade, pelo próprio mercado imobiliário e por outras instituições profissionais interessadas pela cidade através de planos de massa e simulações de volumes possíveis de serem construídos agora com os novos parâmetros da Louos (Lei de Ordenamento do Uso e da Ocupação do Solo do Município de Salvador) recém aprovados. Discussões pertinentes não podem ficar distanciadas do público, não compartilhadas, apropriadas por poucos e/ou judicializadas. O urbanismo carece de uma nova linguagem, que volte a emprestar magia ao discurso do planejamento e permita ao cidadão comum opinar sobre seu logradouro, o que se precisa fazer para melhorar seu uso e ocupação ou – para usar um termo eleito pelas generalizações abrangentes – sua qualidade de vida.

Em tempo: leiam *A era da curadoria: o que importa é saber o que importar*, de Mário Sérgio Cortella, Gilberto Dimenstein. SP: Papyrus 7 Mares, 2015. pág. 83: "Aquele sistema dos jornais antigos, separados por editoria, está em xeque, assim como a divisão por matérias na escola. Portanto, o sistema que hoje impera na construção de conhecimento é aquele compartilhável, em que cada um de nós não é espectador, mas coautor. É tão diferente isso."

PMS / FMLF
BIBLIOTECA

Jornal:

A TARDE

Data:

11/08/16

Caderno:

A

Página:

3

Seção:

Assunto

LOUOS